

## **Analisando a Carta Encíclica *Laudato Si'*:**

### **A conservação como uma agenda a unir conservadores e progressistas**

Analyzing the Encyclical Letter *Laudato Si'*:

Conservation as an agenda to unite conservatives and progressives

**Daniel Mendes Volschan**

[danivolschan@gmail.com](mailto:danivolschan@gmail.com)

Graduando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e membro PIBIC da pesquisa *Elites políticas brasileiras*.

**Mário Jorge de Paiva**

[mariojpaiva@oi.com.br](mailto:mariojpaiva@oi.com.br)

Doutorando, mestre, licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e membro do grupo de pesquisa: *Desigualdades Socioeconômicas e Políticas no Brasil Contemporâneo*, também na PUC-Rio.

### **Resumo**

Este ensaio pretende analisar a Carta Encíclica *Laudato Si'*, mostrando como tal texto está em diálogo com importantes questões da filosofia e da antropologia/sociologia. Além disso, visa esclarecer como a mensagem papal se abre para uma fraternal colaboração entre cosmovisões conservadoras e progressistas ao clamar pela preservação da vida e de nosso lar comum.

Palavras-chave: Conservadorismo; ambientalismo; papa Francisco; aquecimento global.

### **Abstract**

This essay seeks to analyze the Encyclical Letter *Laudato Si'*, showing how this text is in dialogue with serious questions of philosophy and of anthropology/sociology. Furthermore, the essay seeks to show how the Encyclical Letter ends by pointing to a productive and fraternal union of conservative and progressive worldviews for the greater good, that is the conservation of the things we love.

Keywords: Conservatism; environmental movement; pope Francis; global Warming

Este ensaio visa apresentar de que forma a Carta Encíclica *Laudato Si'*, lançada em 2015 pelo papa Francisco, constitui uma importante ferramenta/síntese do posicionamento da Igreja Católica Apostólica Romana sobre sérias questões ambientais, humanas e, até, estéticas. Além disso, objetiva demonstrar como o texto papal parece apontar para um exercício de colaboração de ideias, em meio a um mundo marcado por polarizações.

Se nós chamamos a encíclica de *importante ferramenta*, é porque devemos utilizá-la com sabedoria, sofisticação e delicadeza diante da complexidade do real e de um mundo tão confuso e acelerado como o nosso. Isso porque tal texto, como mostraremos, também pode ser uma fonte de elevadas discussões filosóficas e antropológicas/sociológicas, algumas que já cruzaram o tempo e outras de caráter mais conjuntural.

Citando o Patriarca Bartolomeu, Francisco alerta para a necessidade de cada um se arrepender de *machucar* o planeta, ao seu próprio modo (*LS* n.8). Todos nós, ao causarmos pequenos danos, promovemos um mal maior e, assim, somos chamados a uma mudança não apenas técnica, mas ética. Do contrário, estaríamos por tratar somente os sintomas e não as causas, que se originam no comportamento humano (*LS* n.9).

Desde as narrativas simbólicas da criação, no Gênesis, vemos ensinamentos de como a existência humana se baseia em relações fundamentais não apenas com Deus e o próximo, mas com a própria terra. A ruptura de tais laços é pecado, é contra a harmonia, pois, ao desejarmos ocupar o lugar de Deus, terminamos por esquecer que somos criaturas limitadas (*LS* n.66).<sup>1</sup>

O Pai aparece como fundamento amoroso, fonte última de tudo. O Filho, como elemento da trindade que se uniu à terra ao nascer da mãe humana. O Espírito, como o elemento da trindade que está igualmente presente no coração da matéria e do universo. Assim, contemplar e louvar o universo, em sua imensidão e beleza, é sinal que devemos louvar a trindade (*LS* n. 238). Uma vez que o todo está interligado, eis, então, um convite para uma espiritualidade baseada na solidariedade global.

Se comentamos que o texto papal representa uma síntese, é porque a questão, maturada na dialética, não revela, em si, uma grande novidade. Afinal, como foi colocado, discussão já estava implícita desde narrativas milenares. E, como sabemos, a Igreja se desvela em uma instituição que não pensa em termos de gerações, mas de eternidade.

---

<sup>1</sup> Quando afirmamos que, ao desprezar a terra, o homem aspira ocupar o lugar de Deus, deve-se ressaltar que, na História do Pensamento, é em Friedrich Hegel que se dá a transposição da ideia de absoluto para o devir e se forja o mito do progresso histórico, tão caro ao nosso planeta. O absoluto mescla-se com o tempo, e a ideia de eternidade constrói-se ao longo da manifestação da razão universal no curso da História. Rompe-se, então, com a clássica premissa de um homem limitado, imperfeito, que se opõe a forças eternas inalcançáveis na vida terrena e no devir.

Se essa síntese é almejada, isso ocorre porque partimos de um cenário de lutas de poderes-saberes entre agentes humanos, em linhas foucaultianas. O posicionamento do papa, por sua vez, surge como uma ação estratégica dentro dos embates das *heterotopias* existentes, já que muitos autores, como exemplificaremos adiante, ainda não aceitaram a agenda ecológica como um das mais urgentes pautas de nosso tempo.

Se nós escolhemos o formato de ensaio, foi porque não pretendemos esgotar uma discussão, ou mesmo sistematizá-la por completo. Este texto é um *intermezzo*, a seguir um vacilante caminho em ritmo *allegro*, devido a sua brevidade. Exploraremos, todavia, lugares dos mais relevantes. Pautando-nos em um aporte teórico, mormente filosófico e socioantropológico, devemos alertar que a questão teológica não irá ser o nosso maior foco.

Continuemos. A encíclica nos aponta que a questão ecológica está além de embates políticos e ideológicos, e até da exclusiva esfera religiosa: papa Francisco se direciona a todas as pessoas de boa vontade. E essa não é uma exclusividade deste papa, se notarmos que, pelo menos desde a mensagem *Pacem in terris*,<sup>2</sup> de João XXIII<sup>3</sup>, vem sendo estimulada uma maior união fraternal.

Ainda sobre a questão ecológica, devemos apontar que, em 1971, por exemplo, já víamos o papa Paulo VI tratando da problemática ambiental como uma crise da atividade descontrolada do homem (*LS* n.4). O tema da ecologia se mantém vivo nos papados de João Paulo II e Bento XVI e chega ao presente com o atual líder religioso.

Papa Francisco evoca, em determinados momentos, a figura de São Francisco de Assis que, em seu amor pela criação, pelas paisagens e pelos animais, transmitia uma felicidade e um louvor que ultrapassam a avaliação intelectual ou o cálculo econômico (*LS* n.11). Esse é um dos muitos exemplos possíveis de serem explanados sobre o cuidado do ser humano, um tanto atemporal, de salvar e proteger o que lhe é querido.

Para corroborar nosso argumento, aqui citamos o fato que, desde certo período na Grécia Antiga, já se falava em salvar o que se estima – seja em Plutarco, Epicteto ou Díon de Prusa (FOUCAULT, 2010, p.164-6). Tal linha pode ser identificada, também, nos grandes filósofos Platão<sup>4</sup> e Aristóteles<sup>5</sup>.

Onde desejamos chegar com isso? Ora, nosso ensaio não é um trabalho histórico não buscamos as cinzas técnicas de genealogia de Friedrich Nietzsche – mas queremos apontar para

---

<sup>2</sup> Mensagem publicada em 11 de abril de 1963, vale recordar.

<sup>3</sup> Seu papado durou de 1958 até 1963.

<sup>4</sup> Autor imaginava uma cidade ideal no livro *A República*, que apresenta elementos de conversação e também mudança.

<sup>5</sup> Para se discutir os tópicos de conservação em Aristóteles, é necessária a análise do livro *Política*.

o fato que preservar o que se ama é uma pauta típica da disposição tradicionalista/conservadora. Temos de entender a preservação ambiental, portanto, como uma agenda a unir conservadores e progressistas, inclusive pelo fato que uma mensagem papal mais ecoa em círculos tradicionalistas/conservadores<sup>6</sup> do que em campos progressistas, geralmente compostos por entes mais céticos.<sup>7</sup> Se seguirmos Luiz Felipe Pondé (2011), veremos como uma instituição a tratar do eterno é uma instituição de conservação.

Este ensaio se desvela relevante, sobretudo, pois consideramos acertada a posição de Sir Roger Vernon Scruton (2016)<sup>8</sup> quando ele afirma que o debate ambiental foi apropriado por alas progressistas que, ao desconhecerem importantes contribuições da tradição conservadora à cultura, acabaram por ignorar o que elas possuem a dizer nessa questão.<sup>9</sup>

Como elucidado por João Pereira Coutinho (2014), esse desconhecimento tem origem no fato que tais progressistas<sup>10</sup> pouco entendem que a mentalidade conservadora, em termos ideais, não corresponde a uma mentalidade rudimentar, reacionária ou autoritária. Ademais, no que tange à Teoria da História, *revolucionarismo* e *reacionarismo* aparecem como ideias simétricas, equivalentes, apesar de opostas. Enquanto o tipo revolucionário justifica a quebra das regras e da ordem presente com base em um futuro hipotético que ele afirma que virá para coroá-lo, o reacionário acredita poder retroceder a marcha da História em direção a um passado perdido.<sup>11</sup>

Curiosamente, essas concepções da História encontram-se sustentadas por teorias<sup>12</sup> que comprovariam, pela via empírica, o curso linear do processo histórico, assim como a

---

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, Christiane Jalles de Paula (2015).

<sup>7</sup> Mesmo que possíveis destinatários da mensagem papal por serem entes de boa vontade.

<sup>8</sup> Se aqui citamos Scruton, o fazemos porque ele é um pensador conservador que possui *civilité*, e mesmo quando duro se revela educado, não se rebaixando as tão velhas técnicas do mau debate, da irritante erística, que tanto permeia o debate público em infinitas discussões.

<sup>9</sup> Ver Edmund Burke, Alexis de Tocqueville, Eric Voegelin, Russell Kirk, Raymond Aron, Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Mário Ferreira dos Santos, José Guilherme Merquior, Vicente Ferreira da Silva e tantos outros.

<sup>10</sup> Dentro da ala progressista, são simbólicos os estudos da marcante Escola de Frankfurt, quando alguns de seus membros exilaram-se nos Estados Unidos no pós-guerra. A associação do tipo conservador americano, muitas vezes apelidado de *Red Neck*, a disposições autoritárias, consagrou-se, sobretudo, no livro *A Personalidade Autoritária*, de Theodor Adorno. É interessante destacar que, no século anterior, Alexis de Tocqueville, no clássico *A Democracia na América*, havia associado as raízes do povo americano aos valores da democracia. Explicou o porquê desse sistema ter surgido com tanta solidez naquele país e sugeriu sua exportação para a Europa.

<sup>11</sup> A justiça tem seus parâmetros deslocados quando um indivíduo se apresenta como portador e representante de um tempo hipotético/melhor. Ao agir apenas com base nesse tempo e, ao mesmo tempo, ser o seu representante, torna-se o juiz de seus próprios atos.

<sup>12</sup> Em seu livro *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, Popper, buscando traçar uma genealogia do historicismo, elege uma linha de sucessão desde Platão, substanciada no culto à História de Hegel, e continuada pelo seu discípulo, Karl Marx. A ideia de redenção por um governo/Estado ideal, segundo o autor, teria sido construída nesses momentos da História do Pensamento. No entanto, há de se ressaltar que, em Platão, o autor parte de uma visão peculiar do seu livro *A República*, ao entender que o governo dos sábios, examinado pelo filósofo, aparece como uma proposta real de sociedade. Para muitos intérpretes da obra, trata-se de um exame em que Platão chega a conclusões opostas e, por sinal, muito mais próximas de sua visão popperiana da História: conclui DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2018 | V. 3 | N. 5 | Olhares Universitários sobre a *Laudato Si'* Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO.

previsibilidade de seu final redentor. Nos totalitarismos, por exemplo, a ação presente surge como mero *acelerador* da História, que em si já conteria a supremacia de uma *raça, nação ou classe*.<sup>13</sup> Essa operação encontra-se epistemologicamente demonstrada por Karl Popper, o grande teórico da falseabilidade científica, em seu *A miséria do Historicismo*.

Ser conservador, exemplificamos, não é acreditar que homossexuais são contra Deus. Podemos ver que há a possibilidade de se conjugar conservadorismo e homossexualidade. Vide a obra do teólogo James Alison (2010), que mesmo apresentando uma hermenêutica religiosa pouco ortodoxa, possui uma bela mensagem do amor de Yahweh a sua criação.<sup>14</sup>

Ser conservador não é odiar o *outro* – seja ele qual for – de maneira tribal, sacrificial, em um mimetismo da violência. Pelo contrário, basta-nos certa sofisticação intelectual para concluirmos que *conservação e amor* são disposições intrínsecas: cuida-se o que se ama, ama-se o que se cuida. O não conservadorismo completo<sup>15</sup>, por outro lado, significa não amar (conservar) coisa alguma, propor a destruição absoluta, sentimento que tantos já nos revelaram. Já víamos o niilismo destruidor, por exemplo, em certos personagens clássicos da literatura, como entes das obras de Fiódor Dostoiévski ou do libertino Marquês de Sade.<sup>16</sup>

Aqui não nos cabe expor o conservadorismo em uma *essência imutável*. Mesmo os princípios conservadores clássicos, descritos por Russell Kirk (2013), devem ser ponderados. Por isso, temos de considerar as esferas tradicionalistas e conservadoras como múltiplas.<sup>17</sup>

A abundância de opiniões, mencionada pelo papa Francisco, é tema central (*LS* n.60). O líder religioso está profundamente acertado ao apontar que não há somente uma resposta possível, ou uma espécie de perfeita dualidade entre grupos de totalmente *certos e errados* (*LS* n.201). O papa afirma que devemos recorrer às diversas riquezas culturais, como a arte, a poesia e a espiritualidade, e relembra que a História da Filosofia produziu ricas sínteses entre fé e

---

a impossibilidade de transpor as ideias em sua perfeição para o tempo, e assim demonstra, na vida sociopolítica, a tensão constante presente na *ontologia e na metafísica*, ponto nevrálgico de sua *Teoria das Ideias*.

<sup>13</sup> Para uma maior compreensão dos mitos totalitários, consultar Emil Cioran, em *O breviário de decomposição e História e Utopia*.

<sup>14</sup> Em que os famosos elementos punitivos da religião, na verdade, estariam mais baseados em leituras humanas errôneas dos desígnios de Deus, que ama profundamente sua criação.

<sup>15</sup> Aqui encarado apenas como um tipo ideal.

<sup>16</sup> Dostoiévski apresentava esses niilistas como entes a serem combatidos dentro de suas tramas, enquanto para Sade a destruição e a corrupção eram louvadas.

<sup>17</sup> Os conservadorismos se revelam através de uma *disposição*, algo anterior ao teórico, como Michael Oakeshott (1981) bem sabia. E não nos cabe, no presente momento, refletir sobre a complexa distinção entre o que é um ente conservador e um tradicionalista, questão que pode ser melhor estudada através do texto clássico sobre o conservadorismo alemão de Karl Mannheim (1981).

razão.<sup>18</sup> Francisco também aponta que as múltiplas contribuições devem ser acatadas em prol de uma resposta ampla e honesta (*LS* n.63).

Nesse ponto, mais uma vez, fica elucidado o porquê de a Igreja não se posicionar contra os cientistas, mas apenas desejar um diálogo honesto para a preservação da nossa casa comum frente às forças de deterioração. Seria ilógico, por exemplo, da parte da Igreja Católica Apostólica Romana, ignorar os estudos apresentados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)<sup>19</sup> – mesmo que tenhamos de entender que relatórios são estudos parciais e devem ser analisados dentro de um debate salutar de ideias.

Vale aqui esclarecer que, para a Igreja, as ciências empíricas não possuem, por completo, o poder de explicação da vida, da essência das criaturas e do conjunto da realidade. Isso seria ultrapassar, contraditoriamente, o pressuposto da limitação do método científico (*LS* n.199). Ora, tal limitação, do ponto de vista filosófico, não é nenhuma novidade: já vimos essa discussão desde autores clássicos – Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e Blaise Pascal – até a filosofia contemporânea.<sup>20</sup>

Há de se somar força entre os diferentes aspectos, as diferentes expertises, já que a lógica mimética da violência envolve exatamente o oposto: segregar, para, enfim, sacrificar no altar do Bode Expiatório.

Essa questão aparece bem evidente na obra de René Girard, que (mesmo que não a aceitemos em sua totalidade) apresenta a figura de Jesus Cristo não como um *maldito* a ser imolado diante da sociedade sacrificial, mas como alguém que veio revelar a lógica da violência e, com isso, transcendê-la. Sua ressurreição o colocou completamente fora da realidade mundana para que, dessa forma, pudesse nos ensinar (revelar) algo de nossa profunda antropologia.

Deve-se apontar como a Igreja está a par das diversas lutas ideológicas (*LS* n.201) entre grupos progressistas e conservadores. Por isso é que queremos ressaltar, aqui, o elemento fraternal do amor de Cristo – Deus que se fez gente – e não uma lógica baseada em um superego de um pai castrador sobre o filho (o qual, em um espetáculo sadomasoquista, se sacrifica por si mesmo) como, em determinados momentos, aparece na obra de Richard Dawkins (2007).

---

<sup>18</sup> Pode-se entender que o esforço da filosofia medieval é o de continuar/aperfeiçoar o projeto socrático do conhecimento e/ou a filosofia grega clássica. Por isso a linha de continuidade entre Platão e Agostinho, e Aristóteles e Tomás de Aquino.

<sup>19</sup> Para mais detalhes de tal organização consultar seus relatórios produzidos.

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, Roger Scruton em sua obra *Desejo Sexual: Uma investigação filosófica*, a qual apresenta uma grande crítica a sociobiologia, representada, mormente, por Edward Osborne Wilson.



Todo o nosso esforço nos últimos parágrafos remete, por fim, ao ponto crucial de nosso pequeno ensaio: se há multiplicidade dentro do campo tradicionalista/conservador, o mesmo acontece no campo progressista e, assim, é *mister* separar o produtivo do improdutivo, o joio do trigo. Por consequência, a nossa tarefa deve ser não a de, unanimemente, eleger uma tradição e *expiar* a outra, mas a de extrair elementos de ambas que nos sirvam a uma reflexão madura e fraternal, reiterando os princípios de respeito e não violência.

Por exemplo, é nítida a forma como, através de argumentos de autoridade pouco desenvolvidos, o economista Rodrigo Constantino (2013) – um liberal conservador – ironiza certas pautas ecológicas ao apelidar os ambientalistas de *melancias* – como se ambicionassem, por trás da aparência *verde*, um retorno ao socialismo/comunismo, representado pelo vermelho abaixo da superfície visível.

Mesmo autores com certa expertise no tema ambiental devem ser analisados com cautela, como o pesquisador Ricardo Augusto Felício<sup>21</sup>, autor que serve de aporte teórico para Rodrigo Constantino (2013) em sua discussão ambiental.

No outro lado do espectro político, parecem evidentes, na História recente, as mazelas ambientais provocadas por regimes ligados as ideias progressistas ou revolucionárias – vide o desastre de Chernobyl (URSS) ou a situação da China atual. Na história das ideias, por sua vez, faz-se notável como certos autores representantes desse campo acusam e até desprezam uma suposta *ilusão* humanista ou ambiental.

Na história do marxismo, com Louis Althusser (2015), surge uma rigorosa acusação da *patologia* humanista do marxismo. Os valores da universalidade do homem do jusnaturalismo, nascidos na Ilustração, movimento intelectual da burguesia europeia nos séculos XVII e XVIII, nada mais seriam do que um véu ideológico, alienante, instrumento de legitimação de uma classe dominante e seu sistema econômico. A ideologia do tipo humano universal trabalharia, ao nível superestrutural (ideológico-cultural), para recalcar, nas consciências dominadas, a *real* cisão do mundo em classes – as quais produziriam tipos humanos diametralmente opostos.

A sociedade apareceria como unitária, harmônica, enquanto que, por detrás das aparências, se desenrolaria um *conflito de classes*. Desse modo, o pressuposto da universalidade dos direitos humanos e seu uso nas lutas variadas, inclusive a ambiental, acabaria por veicular ideias que impediriam a consciência da causa primeira – infraestrutural (econômica) – desses problemas. O foco em debates conjunturais, de *superfície*, nos impediria de aniquilar a real

---

<sup>21</sup> Professor e pesquisador de climatologia da Universidade de São Paulo, USP.

causa dessas mazelas. A cada época, segundo Althusser, o eixo da conjuntura seria deslocado para uma nova questão, sem jamais permitir a emergência de suas raízes infraestruturais.

No mesmo sentido, a crítica ao ambientalismo feita pelo progressista Slavoj Žižek (2010) merece ser examinada com bastante parcimônia. Žižek ironiza o ambientalismo, que se teria tornado o ópio das massas, aludindo à clássica frase marxista que a religião seria o ópio do povo. Via esse *ópio* – seja a religião, seja o ambientalismo – como uma grande autoridade inquestionável, que não é debatida pela dita ideologia conservadora.

O erro de Žižek, a nosso ver, é uma associação um tanto rudimentar e emocional da disposição conservadora a algo ruim, ignóbil. Basta consultar os tomos de Eric Voegelin, ou mesmo os livros *primos* de Edmund Burke e Alexis de Tocqueville, para se constatar a alta erudição clássica, histórica e filosófica da tradição conservadora. Do mesmo modo, considerar um ponto como inquestionável dentro do debate tradicionalista ou conservador apenas prova o desconhecimento desse campo e de sua multiplicidade.

Žižek parece gostar bastante de criticar as ideologias conservadoras, de diversos modos. Devemos nos perguntar, no entanto, se, de fato, o que o autor está a nos oferecer é algo melhor. Sua espectral busca por reviver causas perdidas (ŽIŽEK, 2011) – ou pedir coisas impossíveis – nos oferece um real projeto palpável para o futuro? Seu papel enquanto polemista filosófico pode ser necessário e até enriquecedor ao debate, desde que aceitemos seus argumentos de modo crítico.

Portanto, aceitar e tentar seguir/desenvolver a postura moderada e fraternal da encíclica se mostra algo mais adequado para o futuro do que os obscuros apontamentos desse filósofo, que mais nos remetem a já exposta teoria *girardiana* do Bode Expiatório.

Uma análise que caminha para a *paralaxe* não é novidade.<sup>22</sup> Žižek (2011) não inventou a paralaxe. A própria antropologia, se adotarmos sua teoria, não é paralaxe? Os antropólogos – e religião e antropologia possuem clássicas afinidades eletivas, vale dizer – não tentam deslocar nossa visão da posição X para a posição Y (a visão do outro), no salutar exercício de alteridade?<sup>23</sup>

A própria Igreja realiza esse processo de mudança de perspectiva, ao inserir gradativamente a questão ambiental em sua agenda e ao alertar como, a partir do ponto de vista

---

<sup>22</sup> A paralaxe, segundo Žižek, é a existência de um abismo entre os posicionamentos dos observadores. Vemos o objeto X pela posição X, então *sempre* temos que vê-lo assim. E se mudarmos de perspectiva, eis que acontece uma desestabilizadora mudança, que parece beirar o paradoxo. É, por exemplo, a estranheza que seria se certos filósofos clássicos decidissem falar sobre sexo. Mas, no fim, esse *abismo* não parece *abismo impossível de ser atravessado*, exatamente por causa da complexidade do real.

<sup>23</sup> E ela, a antropologia, não precisa ficar invocando infinitos paradoxos, como o são suas mirabolantes misturas de Friedrich Hegel, Karl Marx e Jacques Lacan, que mais confundem do que elucidam.



da religião, a destruição do planeta constitui um pecado. A hermenêutica religiosa jamais se esgota: ao estudarmos a Patrística e a Escolástica podemos constatar a riqueza e a complexidade desse tema.

Mesmo Jesus Cristo já oferecia a *paralaxe* em seus ensinamentos, fato possível de ser notado em inúmeras passagens do texto bíblico. Quando se fala, por exemplo, que “*o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado*” (Mc 2,27) ou quando Jesus redime o gadareno possuído,<sup>24</sup> desestabilizando a ordem social vigente, observam-se algumas referências que ilustram a eterna reflexão da hermenêutica religiosa. Jesus Cristo, nesse sentido, não se apresenta, em vários momentos, como um perfeito mecanismo de uma ordem estacionária, mas como um agente de ação, mudança, reflexão e até transgressão das antigas regras.

Sobre o messianismo, do ponto de vista jurídico-político, Giorgio Agamben (2007, p.65) parece concordar com nosso posicionamento, ao argumentar que a ação messiânica cria um “*estado de exceção*”, proclamado não pela autoridade vigente, mas pelo ente que subverte o poder. Assim, por exemplo, a *Torah* de Atziluth, que deveria ser restaurada pelo Messias, constitui uma miscelânea de escritos sem preceitos e proibições e, por isso, o cumprimento da *Torah* pode coincidir com a sua transgressão.

Dentro dessa chave, faz-se necessário ressaltar como a *Laudato Si'* aponta para outros desgastes – além do ambiental – ao enfatizar a degradação humana de nossa época. Ao nos submetermos à aceleração desenfreada de nosso tempo, adentramos em uma avassaladora e progressiva crise estética e cultural que agora clama por urgentes mudanças éticas e sociais.<sup>25</sup>

O papa Francisco nos diz que está em curso uma contínua intensificação das mudanças, do ritmo de vida e do trabalho, em contraste com a nossa natural lentidão humana (LS n.18). Assim, a posição papal acaba por se somar às investigações de pensadores que se debruçaram sobre o problema da aceleração da ação humana, que vem degradando, simultaneamente, o meio ambiente e nós mesmos.

A encíclica também aponta que muitas cidades se tornaram pouco saudáveis para se viver, não só graças à poluição ambiental, mas ao caos urbano, envolvendo, por exemplo, problemas de transporte. E são os habitantes dessas cidades que vivem, cada vez mais, imersos em cimento, asfalto, vidro, metais e, portanto, privados do contato físico com a natureza. Destaca-se, ainda, o fato dessas cidades não funcionarem adequadamente, com enormes desperdícios de energia e água (LS n.44).

---

<sup>24</sup> Ver a análise dessas passagens feitas por James Alison (2010).

<sup>25</sup> Aqui não nos cabe explicitar a diferença conceitual entre cultura e sociedade, mas, para mais detalhes da questão, ver Roberto DaMatta (2012).

Basicamente, a humanidade entrou em uma nova era, na qual o poder tecnológico, da máquina a vapor à nanotecnologia, nos trouxe a uma encruzilhada. Isso, no entanto, não leva o papa a uma demonização da tecnologia: a ciência e a tecnologia, enquanto frutos da criatividade humana, não deixam de ser dádivas divinas (*LS* n.102). A posição papal de modo algum é reacionária em seus termos de crítica.

Sobre pensadores que estão em consonância com a posição da Igreja, podemos citar, por exemplo, Zygmunt Bauman (2008), que, apesar de admitir que o homem enquanto espécie precisa consumir para existir, atenta para a clara distinção entre consumo e consumismo.<sup>26</sup>

Do mesmo modo, podemos estabelecer um diálogo entre a encíclica papal e as obras de Peter Sloterdijk (2002)<sup>27</sup> e Jonathan Crary (2014)<sup>28</sup>. Se em Sloterdijk a modernidade é cinética, é aceleração e produz impactos biológicos, em Crary podemos observar melhor a função desaceleradora de certos eventos biológicos, como o sono. A religião, por sua vez, ao operar em uma temporalidade diferencial, em sua modalidade contemplativa, assume essa função de *paragem* diante do incessante ritmo do mundo contemporâneo: ela adere à negação da ação, ao ascetismo e pode preferir não fazer.

Em um sentido similar, mas não idêntico, está a filosofia de Friedrich Nietzsche. Embora o autor nos tenha legado uma voraz crítica da sociedade de massas, da dita *Era do Rebanho*, ele propõe alternativas um tanto singulares. Em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, a cultura contemporânea no Ocidente é inicialmente oposta à contemplação estética: ao buscar uma solução ao problema da negação da Vontade em Arthur Schopenhauer, Nietzsche elege o êxtase trágico como única via possível de afirmá-la. Posteriormente – após o rompimento com Richard Wagner, Schopenhauer e a metafísica estética – o autor propõe o desapego de toda convicção

---

<sup>26</sup> Essa é apenas uma das muitas obras em que o sociólogo discorre sobre os problemas e impasses do mundo contemporâneo.

<sup>27</sup> Sloterdijk mostra como o mundo antes da modernidade era, idealmente, organizado de acordo com os desígnios divinos. O pensar e o agir não se somavam perfeitamente, pois o último desígnio era o dessa entidade superior. Mas, com a modernidade, o homem colocou em suas próprias mãos o poder sobre o mundo e sobre si próprio. O agir da cinética moderna mais que um processo de movimento se transforma, até, em uma ação sobre a natureza. E do transbordamento moderno eis que se desvela um paradigma pós-moderno, e mesmo não existindo uma clareza do que seria essa *avalanche*, já se vislumbra a possibilidade de uma *segunda passividade* diante do modelo moderno de ação incessante, já se deslumbra a passagem de uma voz ativa para uma voz passiva. O que não quer dizer esquecer tudo que aprendemos, mas uma evolução.

Se o projeto de cinética moderna se iniciou com grande otimismo, ele logo mostrou seus efeitos indecorosos. Se a metafísica moderna, de um ser para movimento, criava como seu símbolo máximo o carro, na pós-modernidade vemos o carro preso em engarrafamentos intermináveis.

<sup>28</sup> Esse livro discute como a configuração do capitalismo modifica nossa relação com a vigília e com o sono. 24/7 é uma imagem de um mecanismo sem pausas, onde o homem ideal poderia produzir ou consumir de maneira ininterrupta. Um projeto inicialmente militar, de um soldado sem sono, em certa questão de tempo poderia ser algo ao alcance do consumidor de forma geral. Crary, nos pontos mais interessantes de seu livro, fala da medicalização, da neurociência etc.

rígida, final, totalizante, e a superação do homem mediante a afirmação própria e única de suas insolúveis contradições. Com isso, devasta o cerne ético-moral da sociedade de massas que teria gerado o *Último Homem*, diametralmente oposto ao *Super-Homem*.

Há de se pontuar, seguindo Gilles Lipovestky (2007), que a rejeição de nossa rotina degradante não implica, necessariamente, em uma tentativa de retorno a um modo de vida pré-moderno ou em um repúdio ao capitalismo. Reforcemos, então, como o conservadorismo, junto ao progressismo, pode nos conduzir a algo maior. Desde Burke (2012), o conservadorismo não representa uma defesa das vantagens do presente em um imediatismo tolo. Ele deseja a oferta do que existe de bom e belo às próximas gerações, em um contrato entre mortos, vivos e não nascidos.<sup>29</sup>

A defesa da sociedade de mercado feita por Burke, à qual atentou Roger Scruton (2016), referia-se a um modelo de mercado distinto, menos fluido e especulativo: a vida incessante no capitalismo financeiro liquefaz as relações humanas e impede a construção de vínculos duradouros. O mesmo princípio de conservação pode ser encontrado nas palavras papais quando propõem um modelo de sociedade mais humana.

A questão estética, tão cara ao papa Francisco quando menciona a contemplação do mundo e das paisagens, se encontra perfeitamente com o pensamento de Scruton (2013), quando o filósofo nos mostra como movimentos conservadores históricos, com vistas a preservação da beleza natural, tornaram-se importantes precursores da ecologia (SCRUTON, 2016). Este é um fato notável, por exemplo, na filosofia da natureza de Friedrich Schelling.

Em seu chamado para a ação comum nesse projeto de preservação do planeta, o papa Francisco, novamente se aproxima da filosofia de Scruton em seu tema da *oikophilia*: o amor pelo *oikos*, pelo lar, pelo próximo.<sup>30</sup>

As forças econômicas, em si, possuem aspectos positivos e negativos. A defesa irrestrita da sociedade de mercado, assim como o total descontrole de suas forças, pode vir a exteriorizar seus malefícios, inclusive ambientais. Scruton (2016) nos fala dos detritos de difícil degradação, como plásticos, que tanto poluem o meio ambiente. Nesse sentido de crítica ao modelo econômico, podemos encontrar diversas passagens da *Laudato Si'*.

Francisco (*LS* n.21) fala da produção de centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos não biodegradáveis, fazendo idosos verem as paisagens de outrora mergulhadas no lixo.

---

<sup>29</sup> A importância da religião para a visão burkeana de mundo é bem sabida.

<sup>30</sup> Contra as forças da *oikophobia*, que, em sua distância, não compreende os valores das coisas para além de uma planilha de ganhos e de tendências tecnocráticas.

Aborda, as elevadas quantidades de poluição geradas pelas várias formas de transporte e pelas indústrias, além de questões envolvendo a acidificação do solo e das águas causada, em geral, pelo uso de agrotóxicos. Em suma, a Igreja está a par, perfeitamente, do problema da poluição.

Aqui encerramos nosso *intermezzo*. Enquanto um curto ensaio, pretendemos mais instigar do que exaurir nosso objeto. O diálogo entre campos progressistas e conservadores na ecologia e no ambientalismo é um tema que se expande em múltiplas direções: nossa jornada hermenêutica permanece incompleta e o real continua a oferecer infinitas paralaxes em nosso campo de visão. E todos nós, *pessoas de boa vontade*, independente de crenças políticas, devemos fazer uso das diversas possibilidades de apreensão do real ao enfrentarmos esses problemas.

As questões apresentadas nesse ensaio são de alta complexidade e, como posto na Encíclica, rejeitam respostas óbvias e unívocas. As sínteses, como a *Laudato Si'*, em suas peculiaridades, servem-nos de ferramentas para a compreensão do cenário, ainda que – por si só – não resolvam os problemas. Nosso esforço deve ser o de buscar a colaboração e a união entre as diversas ideias que possam enriquecer o debate ecológico-ambiental.

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. São Paulo: Unicamp, 2015.

ALISON, James. *Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: É Realizações, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Edmund. *Reflexões Sobre a Revolução na França*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

CIORAN, Emil. *Breviário de Decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. *História e Utopia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Esquerda caviar*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CRARY, J. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Rio de Janeiro: CosacNaify, 2014.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Rio de Janeiro: Loyola, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Vozes, 2011.

KIRK, Russell. *A política da prudência*. São Paulo: É Realizações, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (org). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. São Paulo: Hucitec, 1981, p.77-131.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Companhia do Bolso, 2007.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2011

OAKESHOTT, Michael. Sobre ser conservador. In: CRESPIGNY, Anthony de; CRONIN, Jeremy (orgs.). *Ideologias políticas*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

PAULA, Christiane Jalles de. *O bom combate: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976)*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

PONDÉ, Luiz Felipe de Cerqueira e Silva. *O catolicismo hoje*. São Paulo: Benvirá, 2010.

POPPER, Karl. *The poverty of Historicism*. Kentucky: Routledge Taylor & Francis Group, 2002

SCRUTON, Roger. *Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. *Filosofia verde*. São Paulo: É Realizações, 2016.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e aforismo sobre a filosofia da natureza*. São Paulo: Loyola, 2009.

SLOTERDIJK, P. *A mobilização infinita: para uma crítica da cinética política*. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Slavoj Zizek on ecology as religion*. Youtube, 15 fev 2010. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lQbIqNd5D90>>. Acesso em: 18 mai. 2018.